

II SEMINÁRIO DE FILOSOFIA - PIBID

ISSN 2446-6514

## Ensino de Filosofia e Interdisciplinaridade

21, 22 e 23 de setembro de 2015



Filosofia  
FAPAS

DAFIL



**Faculdade Palotina - FAPAS**

**Direção-Geral**

Antônio Amélio Dalla Costa

**Vice-Diretor**

Sérgio Lasta

---

**Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID-CAPES**

**Coordenação Institucional**

Alceu Cavalheiri

Cristina de Moraes Nunes Sérgio

Nicolau Engerhoff

---

**Bolsistas das escolas participantes**

**EMEF Duque de Caxias**

**Supervisora**

Marigésus Bastista

**Acadêmicos**

Diego Maciel

Douglas Giuliani Durigon

Ederson Braga Mello

Helton Luiz Wachholz de Souza

Rafael de Souza Prestes

Robson Raddatz Ramos

Rodrigo Antonio P.Somavilla

---

**EMEF Irmão Quintino**

**Supervisora**

Ruthe Marina Machado

**Acadêmicos**

André Felipe Belmirio

Filipe Gomes de Freitas

Juliano da Siqueira Venturini

Matheus Estevam Pereira

Tobias Zeni Grandó

---

## **C. E. Tancredo Neves**

Supervisora

Oneide Druzian

Acadêmicos

Alex Moreira Dorneles

Cleiton Turela de Moraes

Daniel Soares das Chagas

Gustavo Henrique Rondis Cruvinel

Ivan Junior Dalmolin Cargnin

Jairo Vieira da Silva Junior

Junior Lago

---

## **Comissão Organizadora**

Alceu Cavalheiri

Cristina de Moraes Nunes

Marigésus Aparecida Batista

Oneide Pedroso Druzian

Ruthe Marina Machado Silva

Sérgio Nicolau Engerroff

---

## **Apresentação gráfica e diagramação**

Janaína da Silva Marinho

---

## **Apoio**

DAFIL - Diretório Acadêmico de Filosofia FAPAS

---

## **Contato**

Rua Padre Alziro Roggia, 115 - Bairro Patronato

Cep: 97020-590 Santa Maria - RS – Brasil

Fone: (55) 3220-4575

E-mail: [pibidfapas@fapas.edu.br](mailto:pibidfapas@fapas.edu.br)

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
O DESAFIO DA EDUCAÇÃO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS.....	7
Alex Dorneles.....	7
UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO E OS DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA.....	10
Andréia Brill.....	10
A FILOSOFIA ATRAVÉS DAS EXPERIÊNCIAS.....	13
Douglas Giuliani Durigon.....	13
Diego Maciel.....	13
SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM E A EDUCAÇÃO DO CIDADÃO PELA PERSPECTIVA ROUSSEAUNIANA.....	16
Luciana Vanuza Gobi.....	16
Luana Pagno.....	16
REFLEXÕES A PARTIR DO SUBPROJETO PIBID/FILOSOFIA-UFSM NA FORMAÇÃO INICIAL DO LICENCIANDO EM FILOSOFIA.....	19
Jerfferson Paim Luquini.....	19
Emilana Soares Ziani.....	19
PROJETO AUTONOMIA PARA O CONHECIMENTO IV: UMA DIFUSÃO CARISMÁTICA NA ESCOLA EDY MAYA BERTOIA.....	22
Filipe Gomes de Freitas.....	22
Gustavo Henrique Rondis Cruvinel.....	22
Tobias Zeni Grando.....	22
André Felipe Belmirio.....	22
A FILOSOFIA COMO UM PENSAR AUTÔNOMO NUMA PERSPECTIVA FREIRIANA .....	25
Gian Carlo Santos Garcia.....	25
Michele Quinhones Pereira.....	25
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIDA INTELECTUAL NA EDUCAÇÃO.....	27
Junior Lago.....	27
EDUCAÇÃO E MORALIDADE EM KANT.....	30
Luana Pagno.....	30
Luciana Vanuza Gobi.....	30
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS UM DESPERTAR FILOSÓFICO A PARTIR DE DINÂMICAS.....	33
Diego Maciel.....	33
Douglas Giuliani Durigon.....	33

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) a alunos de licenciatura participantes de projetos, de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

A Faculdade Palotina, desde 2014, tem participado dessa ação com o desenvolvimento do projeto PIBID/FAPAS em parceria com escolas da rede municipal e estadual de Santa Maria. As ações do projeto proporcionam a inserção dos acadêmicos de filosofia no contexto das escolas públicas, desde o início da sua formação acadêmica. Essa vivência permite que os discentes desenvolvam atividades didaticopedagógicas com os alunos das escolas, sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola participante das ações do projeto.

Atualmente, o projeto PIBID/FAPAS, desenvolvido em três escolas da rede pública de Santa Maria/RS, atende alunos do ensino fundamental e médio, na modalidade normal e EJA, incentivando à reflexão, a discussão e o conhecimento acerca de temas relacionados à formação humana e cidadã. A proposta do PIBID/FAPAS busca resgatar o que já ocorre, em parte, nas escolas, nas quais professores, coordenadores e diretores dedicam-se à formação humana, especialmente na educação de valores.

Em 2014, o I Seminário PIBID/FAPAS abordou a temática Educação, conhecimento e docência, com o intuito de socializar os resultados das primeiras atividades de iniciação à docência realizadas pelos acadêmicos da FAPAS junto às escolas parceiras do projeto.

Neste ano, o **II Seminário PIBID/ FAPAS**, com a proposta de refletir sobre o ensino de filosofia e a interdisciplinaridade, possibilita novamente um espaço para uma discussão crítica das atividades desenvolvidas no meio educacional, fortalecendo ainda mais a proposta da IES em parceria com as escolas de promover e valorizar o ser humano, fortalecendo a cidadania através da prática da excelência no ensino de graduação, pesquisa e extensão e em sua atuação na sociedade. Assim, busca-se analisar métodos satisfatórios de como ensinar filosofia, salientando a importância de um ensino interdisciplinar.

O evento ocorreu nos dias 21, 22 e 23 de setembro, com os seguintes objetivos:

- a) Socializar as atividades e discutir as dificuldades relacionadas ao ensino de filosofia e a interdisciplinaridade, para buscar métodos adequados à realidade escolar;
- b) Oportunizar um espaço para reflexão e formação continuada da prática docente;
- c) Viabilizar a integração entre bolsistas do PIBID de diferentes instituições e nas escolas/colégios, nas quais os projetos são desenvolvidos; e
- d) Proporcionar um espaço para a apresentação de Comunicações e publicação dos trabalhos apresentados, em anais do evento.

## O DESAFIO DA EDUCAÇÃO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Alex Dorneles\*

**Resumo:** Neste presente trabalho pretende-se analisar e compreender, o processo formativo do ensino de filosofia para crianças, e tentar compreender como que elas aprendem essa ciência que é de suma importância para a vida. Sabemos que ser professor é viabilizar o aprendizado para os alunos. Por isso o professor não deve ocupar um lugar central na sala de aula, o protagonista é o aluno, o professor serve de mediador. Mas é quase inevitável o protagonismo do professor, é por isso que o profissional da educação precisa de formação diferenciada afim de que fique depositada no aluno toda a atenção. As crianças necessitam aprender filosofia, e nesse sentido, elas têm que ser estimuladas desde pequenas, para que comecessem cedo no clima da filosofia. Fazer filosofia não é falar difícil, por isso que uma criança tem condições naturais de filosofar, o que a criança precisa é de um adulto capacitado junto a ela para que a estimule a pensar. Foi escolhido como tema deste trabalho, filosofia pra criança, tendo em vista as dificuldades que alguns professores que por vezes acabam encontrando ao trabalharem com crianças. Sabemos que o processo de aprendizagem de uma criança é bem diferente de uma pessoa adulta, mas para chegar à fase adulta com algum conhecimento suficiente sobre filosofia é preciso praticar desde criança. Creio que é impossível viver sem fazer filosofia, ainda mais quando criança, levando em consideração que a criança está na fase de aprendizagem, de descobrimento e de perguntar o significado das coisas. Então a criança precisa de alguém que a estimule no processo de formulação do raciocínio, e em alguns casos é o professor que precisa ser o abastecedor do conhecimento. Quando se fala em filosofia logo pensamos que é uma realidade puramente de pessoas adultas, mas como acontece com as outras disciplinas que constituem o currículo escolar, o processo de aprendizagem da filosofia tem que ser desde pequeno, assim como a matemática, português, história, enfim tudo isso é um processo que precisa ser lapidado e por consequência se tornar prazeroso na vida da criança. As crianças precisam aprender filosofia, de uma maneira séria e comprometida com a verdade, por isso é muito importante preservar a identidade da filosofia como uma disciplina. Quando constar no currículo a disciplina de filosofia o professor deve se empenhar ao máximo para dar filosofia e não outra coisa semelhante. Se o professor se dedicar inteiramente a filosofia, o aluno por sua vez irá se interessar pela disciplina, assim como acontece com as outras disciplinas do currículo. Como que uma criança gosta de química, física ou matemática? A criança gosta quando ela tem a possibilidade de pôr em prática na sua vida aquilo que é aprendido dentro da sala de aula, fazendo observações e análises empírica. O professor é o grande maestro na sala de aula, é dele que partem toda a iniciativa e o processo de passagem de conhecimento, e para que isso aconteça de uma maneira satisfatória, Matthew Lipman dá algumas instruções no seu livro *Filosofia na sala de aula*: “a prática filosófica das crianças pode ter várias formas: o jogo de idéias, às vezes, é casual e espontâneo, e outras vezes estudado e arquitetado. Mas, qualquer que seja a forma específica que sua atividade filosófica possa ter, não incentivá-las a trabalhar com idéias e apreciá-las em si mesmo é ser educacionalmente irresponsável” (LIPMAN, 1994, p.71). O professor como maestro é aquele que rege a turma, e serve apenas de

---

\* Autor e apresentador do trabalho, discente do 6º semestre do curso de filosofia da Faculdade Palotina- FAPAS de Santa Maria. E-mail: [moreira.dorneles@gmail.com](mailto:moreira.dorneles@gmail.com)

mediador. É inevitável o protagonismo do professor na sala de aula, em muitas salas de aula prevalece quase que sempre a fala do professor. O professor deve facilitar a aprendizagem do aluno, desta maneira ele estará aceitando a pessoa do aluno: “o professor tem a responsabilidade de garantir que seus alunos tenham os meios de se defender no curso da discussão filosófica”. Todas as disciplinas que estão inseridas no currículo têm um objetivo que norteia o planejamento do professor, com a filosofia não é diferente segundo Lipman “o objetivo primordial de um programa de Filosofia para crianças é ajudá-las a aprenderem a pensar por si mesmas” (p. 81). Quando a criança nasce ela nasce sem capacidade intelectual de decidir o que é certo e o que é errado e o que é bom e o que é ruim, por isso é necessário que a criança seja educada, afim de que na medida em que o processo formativo for evoluindo ela seja capaz de ter as suas próprias ideias e opiniões, sempre respeitando a sua fase cognitiva. Quando as crianças começam a se dar de conta que existem as coisas no mundo, como: conceitos, palavras, cores, objetos, etc. Elas estão conhecendo o mundo e nesse sentido iniciam o tempo da dúvida, é nesse tempo que vem a famosa fase do “por quê?”. “As crianças começam a pensar filosoficamente quando começam a perguntar por quê. A pergunta “por quê?” é sem dúvida a favorita das crianças pequenas, mas não é uma pergunta simples. Normalmente atribuem-se duas funções principais a essa pergunta. A primeira é descobrir uma explicação causal, e a segunda é determinar uma finalidade.” (LIPMAN, 1994, p.87). Não existe uma receita, ou uma fórmula que se seguida irá conseguir com que a criança comece a filosofar, o ato de filosofar é natural ao ser humano, mas é necessário que aquele que já tem mais experiência de vida ajude os mais novos. Nesse sentido a filosofia acontece no dia-a-dia, em casa, na escola, com os amigos, é importante apenas estimular o pequeno a ser um grande ser pensante. É possível entender a importância que tem os pais, pois eles são os primeiros educadores, mas evidentemente não são os únicos “mas é o Estado que, com ajuda dos pais, tentará obter a realização do bem político por intermédio da educação familiar, privada e pública”. (HOURDAKIS, 2001. p31). Um dos problemas da educação está justamente no afastamento da família de cumprir com suas obrigações, ou seja, todo o dever de educar está sendo transferido para a escola, e esta não tem condições plenas de resolver problemas relacionados à família. Após esse tempo de leitura sobre os desafios obtidos pelos professores e a educação de filosofia para crianças, podemos concluir esse trabalho, mas somos convidados a não parar de debater sobre esses assuntos que são muito importantes na realidade que vivemos, caso contrário, professor e filosofia será somente coisa do passado. Sabemos que os professores precisam de formação de capacitação, mas não somente algo muito rápido, a formação tem que ser permanente afim de que o profissional de educação tenha subsídios suficientes para conduzir com o maior êxito possível a sua aula. Existe a formação que vem do governo, mas também é necessário haver formação pessoal e individual, ou seja, o professor antes de dar aula precisa fazer um plano de aula, uma preparação individual, ler algumas obras que fundamentam aquilo que ele vai expor para os alunos, afim de que ele esteja preparado para o plano que vai executar. Outro aspecto muito importante é o professor saber se comportar socialmente, sabendo quem ele é, ou seja, quando o professor for dar aula de filosofia, que não seja uma aula ideológica, que não seja um assunto de qualquer revistinha. Os professores bem como os alunos precisam levar a filosofia de maneira séria e responsável, afim de que seja apresentado a todos que ouvirem aquilo que é a verdadeira filosofia.

**Palavras-chave:** Criatividade. Inovação. Conhecimento. Professor.



## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: Ensinar e aprender com sentido. Curitiba: Positivo, 2005.

LIPMAM, Matthew. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

ROSSATO, Ricardo. **Sociologia das origens à pós- modernidade**. Santa Maria: Biblos, 2011.

## UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO E OS DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA

Andréia Brill\*

**Resumo:** O presente estudo é um recorte do trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Educação e Direitos Humanos da Faculdade Palotina de Santa Maria- RS. Tendo por objetivos investigar, verificar e identificar de que maneira os direitos humanos são abordados e assegurados na escola. Na pesquisa, os dados foram coletados utilizando como instrumento de investigação questionários e entrevistas semiestruturadas destinadas aos alunos e professores do 9º ano da escola elencada. Este estudo foi fundamentado nas reflexões teóricas acerca dos temas, escola, educação e direitos humanos, além de documentos como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Projeto Político Pedagógico da escola e Declaração Universal dos Direitos Humanos. Entende-se que, é no âmbito escolar que os estudantes conhecem os direitos humanos, porém, não basta somente conhecê-los, é necessário proporcionar aos estudantes vivências capazes de conduzi-los para o diálogo, a compreensão, a dignidade, a tolerância, a cultura da paz e o respeito à diversidade, formando sujeitos comprometidos com a paz e a justiça. A seguir, alguns resultados obtidos na pesquisa. 1) Você conhece o Projeto Político Pedagógico da escola? Treze alunos responderam sim, correspondendo à 24% dos participantes e, quarenta e um alunos responderam não, significando 76% dos participantes. 2) Você tem conhecimento sobre o que é os Direitos Humanos? Cinquenta alunos responderam sim, correspondendo à 93% dos participantes e, quatro alunos responderam não, correspondendo à 7% dos participantes. 3) Já foi abordado em sala o tema Direitos Humanos? Trinta e sete alunos responderam sim, correspondendo à 69% dos participantes e, dezessete alunos responderam não, correspondendo à 31% dos alunos participantes. 4) Qual destes direitos você considera importante? ( ) Educação ( ) Dignidade Humana ( ) Saúde ( ) Liberdade ( ) Vida. Dentre os alunos participantes, a Educação foi escolhida por quarenta e quatro vezes, a Liberdade foi escolhida por vinte e seis vezes, a Saúde foi escolhida por vinte e quatro vezes, a Vida foi escolhida por dezessete vezes e a Dignidade Humana por dezesseis vezes. 5) Na sua escola, há campanhas de conscientização e de mobilização sobre os Direitos Humanos? Onze alunos responderam sim, correspondendo à 20% dos participantes e, quarenta e três alunos responderam não, correspondendo à 80% dos participantes. A partir da análise dos questionários destinados aos professores temos os seguintes dados: 1) Na proposta educacional, o conteúdo Direitos Humanos são parte integrante do currículo? Todos os professores participantes responderam sim. Há campanhas de conscientização e de mobilização sobre Direitos Humanos na escola? Dois professores responderam sim, correspondendo à 67% dos participantes e, um respondeu não, correspondendo à 33% dos participantes. 3) Você participa ou já participou de encontros, seminários ou congresso que discutiram a Educação em Direitos Humanos? Um professor respondeu sim, correspondendo à 33% dos participantes e, dois responderam não, correspondendo à 67% dos participantes. 4) Você considera importante a Educação em Direitos Humanos? Todos os professores participantes responderam sim. 5) Quais elementos de Educação em Direitos Humanos fazem parte do Projeto Político Pedagógico da escola?

---

\* Especialista em Educação e Direitos Humanos pela Faculdade Palotina (FAPAS) de Santa Maria-RS. E-mail: [andreaesp-port@hotmail.com](mailto:andreaesp-port@hotmail.com)

Dois professores não responderam a questão e um professor respondeu que desconhece. 6) De que forma a escola desenvolve estratégias de divulgação e defesa dos Direitos Humanos? As respostas dos professores participantes foram as seguintes: Fala do professor A: “No dia-a-dia nas atividades em aula” Fala do professor B: “Dentro do possível os professores trabalham direitos e deveres do cidadão”; Fala do professor C: “Partindo de campanhas já existentes na mídia e de dúvidas e/ou sugestões dos alunos, ou até de possíveis problemas que venham a acontecer entre os alunos”. 7) Existem formas de convivência social no âmbito da prática escolar respaldada nos Direitos Humanos? Quais? Fala do professor A: “Acredito que sim, com o próprio respeito à pessoa, às diferenças, incentivando a compreensão e aceitação ao não igual”; Fala do professor B: “As normas de convivência da escola”; Fala do professor C: “Convivência há na sala de aula”. Conclui-se que, os resultados da pesquisa apontam para alguns fatores negativos, como a deficiência de trabalhar nas práticas pedagógicas uma educação pautada nos direitos humanos, apesar dos professores confirmarem que na proposta educacional o conteúdo Direitos Humanos é parte integrante do currículo, afirmam desconhecer os elementos pautados na educação em direitos humanos do Projeto Político Pedagógico da escola, acreditam que há normas de convivência na escola, porém com dúvidas se estão respaldadas nos direitos humanos e, praticamente não há estratégias de divulgação e defesa dos direitos humanos. É importante ressaltar que, a maioria dos alunos não conhece o Projeto Político Pedagógico da escola, porém, tem conhecimento sobre o que são direitos humanos e, a maioria afirmou que não há campanhas de conscientização e de mobilização sobre os direitos humanos na escola. Foi possível detectar nos questionários analisados que a maioria dos alunos acredita que a educação é o direito mais importante, seguido do direito à liberdade, direito à saúde, direito à vida e por último, o direito à dignidade humana. A ausência de uma educação pautada nos direitos humanos demanda ações em um repensar a instituição educacional em seu conjunto, estabelecendo mudanças nas práticas pedagógicas, promovendo assim, trocas e gerando autocrítica e autoanálise. Por fim, faz-se necessário que a escola enquanto instituição seja considerada um ambiente de cooperação, integração, vivência do espaço coletivo, de diálogo e, que esteja voltada para a preparação política do indivíduo, para a sua integridade como pessoa, digna de seus direitos, buscando formar cidadãos conscientes, críticos, políticos, com capacidade de respeitar as diferenças e opinar/interferir no contexto ao qual estão inseridos.

**Palavras-chave:** Educação. Direitos Humanos. Escola.

## Referências

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania**. 2. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2004.

GADOTTI, Moacir. **A educação contra a educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MEZOMO, João Catarin. **Educação e qualidade total: a escola volta às aulas**. Petrópolis: Vozes, 1997.

RAYO, José Tuvilla. **Educação em direitos humanos: rumo a uma perspectiva global**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação – 8ª Coordenadoria Regional de Educação. Escola Estadual de Ensino Fundamental Marieta D’Ambrósio. Santa Maria, 2011.

**Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Disponível em:  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>> Acesso em: 08 jun. 2015.

## A FILOSOFIA ATRAVÉS DAS EXPERIÊNCIAS

Douglas Giuliani Durigon\*

Diego Maciel\*\*

**Resumo:** Este trabalho é fruto de uma pequena experiência como docente, tanto no estágio como no PIBID, onde se percebeu a necessidade de trabalharmos a filosofia na prática voltada para a realidade dos estudantes sem nos esquecermos da teoria. Num primeiro momento vamos buscar um referencial teórico para sustentar essa prática de ensino da filosofia voltada à realidade dos alunos trabalhando com dinâmicas, tornando a filosofia acessível aos sentidos. Para que nosso trabalho não fique apenas só na teoria como fazem muitos escritores principalmente da educação, será relatada uma experiência de uma aula que foi desenvolvida utilizando esse método, apontando para os diversos conteúdos que podem ser exploradas dentro de uma dinâmica apenas. Por fim, voltaremos a insistir no aspecto de que tem que haver um equilíbrio entre a teoria e a prática. O ser humano de diversas formas e nas diferentes etapas de sua vida, do despertar da vida ao entardecer da idade, está sempre numa constante busca do conhecimento, isso já afirmava Aristóteles: “todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (2013, p. 3), e essa busca constante pelo conhecimento e pelo saber é papel proeminente da filosofia. Mas se todos têm essa ‘sede’ pelo conhecimento, por que a filosofia se torna uma disciplina por muitas vezes cansativas e de pouco interesse de nossos alunos nas escolas? Um ponto muito relevante que pode influenciar de forma decisiva para essa realidade, é que em geral os professores da filosofia chegam apresentando teorias desconexas com a realidade tornando sem sentido os conteúdos filosóficos. Portanto, através desse pequeno resumo vamos buscar apresentar uma filosofia mais atraente que envolva os alunos, que faça com que as aulas se tornem mais agradáveis e proveitosas para os alunos, não esquecendo de passar o conteúdo ou como tradicionalmente chamamos a ‘matéria’. O primeiro passo, e por sinal o mais fundamental, para transformar a Filosofia em uma disciplina mais saborosa, é inserir o conteúdo na realidade das crianças, levar em conta o que rodeia seu dia-a-dia, para que isso possa ser efetuado diz Cunha o primeiro passo é “pensar como criança” (2008, p. 49), se colocar no lugar da criança, buscar ver o mundo como a criança vê, que por sinal é muito difícil, pois as crianças enxergam o mundo simples, nós acabamos complicando. Essa busca de inserir a filosofia na realidade não é uma ideia nova, e é por sinal, defendida por muitos autores, Teles também defende essa opinião, é só analisarmos o que ele descreve: “eles deverão ser incitados e provocados a discutir ideias filosóficas embutidas em história, músicas, jogos, contos populares, etc.” (1999, p.13), uma filosofia na prática, mas como mencionamos acima não podemos deixar de transmitir o conteúdo de filosofia. Outro ponto que se mostra muito eficiente\* é deixar o aluno em ‘crise’, ou seja, fazer questionamentos que mexem com a pessoa, temas existências se mostram muito eficazes para esse ponto, Sílvia Gallo em vez de utilizar a palavra ‘crise’, utiliza-se do termo desestabilizar, e afirma: “o exercício filosófico é assim um exercício de desestabilização, de

---

\* Acadêmico do sexto semestre do curso de filosofia da faculdade Palotina (FAPAS) bolsista do Programa Institucional de bolsas de iniciação a docência (pibid). E-mail: [douglasgd@live.com](mailto:douglasgd@live.com)

\*\* Acadêmico do oitavo semestre do curso de filosofia da faculdade Palotina (FAPAS) bolsista do Programa Institucional de bolsas de iniciação a docência (pibid). E-mail: [diegomaciel3@hotmail.com](mailto:diegomaciel3@hotmail.com)

\* Digo isso porque no meu pouco tempo de docência como estagiário e bolsista do PIBID percebi o que descrevo a seguir.

saída da falsa segurança da opinião e de mergulhar no caos do não-pensamento para, pensando, produzir equilíbrios possíveis, sempre estáveis, sempre dinâmicos” (2005 p. 393), ou para melhor tentar explicitar, poderíamos dizer, através de alegoria, que a filosofia deve cravar um espinho na carne do aluno, fazer com que os alunos se sintam intrigados, incomodados com problemas filosóficos. O professor de filosofia depois de ter conseguido ‘sensibilizar’ o aluno com sua atividade deve fazer com que ele desenvolva seu raciocínio instigando-o com perguntas e questionamentos “encorajar sempre o educando a pensar por si, mas alertá-lo quando seu raciocínio fugir da lógica” (TELES, 1999, p.14), ou seja, o professor deve orientar o aluno para o determinado fim que tinha proposto, deixando a autonomia por conta do aluno. Um aspecto muito importante que percebi durante esses meus três anos de graduação em filosofia e que muitas vezes, muitos teóricos fazem teorias apoteóticas, mas que não são aplicáveis ao mundo escolar, pessoas que ficam dentro de uma sala e escreve teorias de educação sem nunca terem pisados em uma escola. Para não cair no mesmo erro passo agora a descrever uma atividade realizada com meu grupo de estudos (PIBID) em uma aula<sup>1</sup> de filosofia em uma escola. Primeiramente nesse dia, depois de cumprida todas as ‘formalidades’ da professora foi apresentado, de uma forma bem breve e simples, o conceito de filosofia, ‘o que é filosofia?’, para isso nos utilizamos do símbolo da filosofia a águia, retroprojetada na parede. Depois dessa pequena apresentação os alunos foram retirados da sala de aula e um por um entrava e colocava a mão dentro de uma caixa surpresa, que continha diversas coisas (massa quente, palitos cravados no fundo da caixa, lixas nas laterais, algodão na parte superior, barbantes com tinta vermelha pendurados no teto e gelatina dentro de um pratinho). Muitos alunos tinham resistência de colocar a mão pelo furo feito em um dos lados da caixa, até mesmo por medo, outros colocavam as mãos, mas não conseguiam adivinhar o que tinha lá dentro, após colocar a mão todos tinham que descrever o que achavam que tinha dentro da caixa. Outra vez os alunos eram conduzidos para fora e entrando na sala colocavam a mão novamente dentro da caixa e essa era aberta, após observarem eram convidados a descrever tudo o que tinha ali dentro. Com essa dinâmica pode se trabalhar diversos pontos, aprofundando naquilo que é conveniente, aqui elenco alguns pontos: O julgamento que fazemos na primeira vez é quase sempre errôneo ou incompleto; Para o conhecimento devemos utilizar todos os sentidos; o medo que impossibilita nosso conhecimento; A forma que se dá o conhecimento; A curiosidade como primeiro passo para adquirir o saber; Como bem falava o padre Achylle Rubin “a criança quer saber, portanto a filosofia não é coisa tão estranha assim” (2008, p. 24). A filosofia, a curiosidade pelo saber, está presente nas crianças, só devemos achar os métodos mais adequados para despertarmos essa ânsia pelo conhecimento que está dentro das nossas crianças e jovens. Portanto, ao concluir esse trabalho, podemos afirmar que uma aula de filosofia sem prática e inserção na vida do aluno é em vão, e uma prática sem a teoria de filosofia é inútil. Por isso como fala o filósofo Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*, devemos sempre buscar o justo meio.

**Palavras-chave:** Educação. Filosofia. Realidade. Dinâmicas.

## Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Volume II. Tradução de Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

---

<sup>1</sup> Essa aula foi realizada com o 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias no dia 31 de agosto de 2015.

CUNHA, José Auri, (Org). **Filosofia para criança:** orientação pedagógica para educação infantil e ensino fundamental. Campinas SP: Editora Alínea, 2008.

GALLO, Sílvio. Filosofia na educação básica: uma propedêutica à paciência do conceito. In: RIBAS, Maria Alice Coelho et al. (Org.) **Filosofia e ensino:** A Filosofia na escola. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

RUBIN, Achylle. **Também você é filósofo.** Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2008.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para crianças e adolescentes.** 2. Ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.



## **SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM E A EDUCAÇÃO DO CIDADÃO PELA PERSPECTIVA ROUSSEAUNIANA**

Luciana Vanuza Gobi\*

Luana Pagno\*\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar a concepção rousseauiana de homem e a partir deste conceito compreender como ocorre a formação do cidadão. Para realizar tal atividade utilizaremos o *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*, obra em que Rousseau fala sobre os sentimentos que compõe o homem natural, bem como, as razões que o levaram a sair deste estado assim se corrompendo. Tendo em vista, que a ideia de homem abriga ainda o conceito de homem civil faremos uso *Do contrato social ou princípio do direito político* para entender este conceito. Por fim, analisaremos algumas passagens da obra *Emílio ou da Educação* para entendermos a sua proposta educativa de formação do cidadão. Em sua obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* o filósofo Jean-Jacques Rousseau expõe sua concepção de homem, ou melhor, sua concepção de homem natural. De acordo com o autor, o indivíduo que vivia em meio à natureza, também conhecido como o bom selvagem, representava o ideal de homem, na medida em que vivia livre, pois não dependia de ninguém, satisfeito, já que, a natureza lhe proporcionava tudo o que era necessário, e feliz, dado sua satisfação e liberdade. Ainda sobre este estado nota-se que o homem era composto por paixões primitivas e complexas. As paixões primitivas são reduzidas a três desejos e a um temor, sendo eles: a nutrição, a reprodução, o descanso e o medo<sup>1</sup>. Quanto às paixões complexas temos inicialmente o amor-de-si, sentimento importante, pois, representa a ideia de autocuidado, ou ainda, autopreservação. Entretanto, o amor-de-si acaba dando espaço ao amor-próprio, esse sentimento surge quando os indivíduos passam a conviver uns com os outros, quando ele se corrompe. Essa transição do estado de natureza para o estado civil ocorrer, de acordo com Rousseau, devido há motivos interno e externos ao homem. Quanto aos motivos externos temos as catástrofes naturais que levam os homens a se aproximarem para melhor se protegerem, quanto aos fatores internos temos o sentimento de sociabilidade e principalmente o conceito de perfectibilidade. O uso da razão adquire tal desenvolvimento com o passar do tempo, e os indivíduos conquistam habilidades como a abstração, a comparação e, sobretudo, a avaliação; essas habilidades geraram sentimentos de desconforto até então desconhecidos. Afinal, enquanto não havia um parâmetro para a comparação, não havia avaliação e, conseqüentemente, sentimentos como a vaidade, a inveja, o ciúme, o desprezo, a vergonha. Assim, para evitar um estado de constante conflito Rousseau sugere que cada indivíduo abra mão de sua liberdade natural para se associar ao pacto. Diferente do que até então foi proposto pelos contratualistas Rousseau afirma que ao se associarem a esse contrato todos farão parte do corpo soberano, isto é, todos serão ao mesmo tempo súditos e senhores, pois, esse contrato será regido pela vontade geral. Assim troca-se a liberdade natural por uma liberdade civil. A partir do que já foi exposto, nota-se que o homem sai do estado de

\* Mestranda pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [luhgobi@hotmail.com](mailto:luhgobi@hotmail.com).

\*\* Mestranda pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [lp\\_luana@hotmail.com](mailto:lp_luana@hotmail.com).

<sup>1</sup> O medo apresentado pelos homens primitivos é o medo da dor, eles não sentem medo da morte, pois a desconhecem, ou melhor, não a compreendem.



natureza para viver no estado civil. Assim, pensando no homem natural como um ser ideal, mas, que se corrompe e pensando no homem civil como alguém que precisa desenvolver certas habilidades para bem desempenhar seu papel dentro do contrato, vejamos como se organiza a educação proposta pelo autor. Dividida em cinco etapas a primeira fase é denominada *A idade da natureza* ou *infans*. Este período que vai de zero a dois anos, correspondendo a uma vida puramente física, apta a fortalecimento do corpo sem forçá-lo; período espontâneo e orientado graças, notadamente, ao aleitamento materno; logo, a mãe possui papel fundamental nesta etapa. Importante destacar que esse estágio é o mais próximo da natureza original. Já o segundo período também chamada *A idade da natureza*, ou então, conhecida como *puer* corresponde á fase dos dois a doze anos nesse período ainda temos uma preocupação com o desenvolvimento do corpo, mas, também surge a preocupação com o desenvolvimento do caráter que ao poucos se inicia a partir do contato com a natureza, sem intervenção ativa de seu preceptor<sup>2</sup>, nesse novo estágio as crianças relevam a capacidade de elaborar ideias simples relativas às pessoas e aos objetos que a rodeiam, sendo assim, sem esquecer as particularidades relativas ao desenvolvimento das crianças, estimula-se o desenvolvimento da consciência, para que, assim, aos poucos, as crianças consigam desenvolver os sentimentos morais. O terceiro período que vai de doze a quinze anos é conhecido como *A idade da força*. Nesta etapa o preceptor intervém mais diretamente, porém, sempre respeitando o ritmo da criança, toda e qualquer ação realizada pelo preceptor deve ter como objetivo preservar a liberdade. É nesse período em que o jovem se inicia, essencialmente pela experiência, à geografia e à física, ao mesmo tempo em que aprende uma profissão ou um ofício manual, pois, esse tipo de atividade encontra-se mais próximo a natureza. Compreende-se *A idade da razão e das paixões* como o quarto período que dura dos quinze aos vinte anos. Esse estágio significa o fim da formação integral do homem e o início da vida em sociedade. Deste modo, essa fase requer o desenvolvimento das virtudes, em outras palavras, se até agora a educação seguiu um modelo estritamente negativo preocupado com a formação física e com o desenvolvimento dos sentimentos agora essa preocupação dá espaço a educação moral a fim de ensinar o homem a viver em sociedade. Por fim *A idade da sabedoria e do casamento* estágio correspondente dos vinte aos vinte e cinco anos representa a fase em que Emílio encontra Sofia sua esposa e o período em que será apresentado a Emílio diferentes formas de governo com o intuito que ele escolha aquela que lhe apresente como a melhor opção, para que ele possa tomar tal decisão Rousseau afirma a necessidade de conhecer diferentes países. Na obra *Emílio ou da Educação* vemos Rousseau ainda preocupado com o homem natural, pois ele pensa que a criança antes de ser moldada pela sociedade se assemelha a esse homem, assim, se empenha em montar uma proposta a fim de educar o homem para que viva em sociedade sem que seja corrompido. Portanto o objetivo da educação negativa consiste basicamente na formação do indivíduo, essa proposta acaba por relevar algumas falhas, ao adota-la corre-se o risco de centrar o homem em si mesmo, assim não conseguindo interagir com a sociedade de forma satisfatória. Agora, quanto à educação pública, nota-se que sua proposta soluciona esse problema, na medida em que seu objetivo é justamente formar um homem social, em outras palavras, um cidadão. Para isso é preciso que o homem seja orientado pelo amor à pátria, mas, gostaríamos de advertir que essa valorização que se dá à pátria é diferente da interpretação que hoje temos. Na concepção de Rousseau, esse amor é uma preocupação que se exerce com os demais. Como podemos notar a educação doméstica e a educação pública apresentam diferentes objetivos. Entretanto, acreditamos que é possível uma aproximação entre as duas na medida em que as ideias de indivíduo e cidadão deixem de ser conflituosas. Para que esse conflito se resolva é preciso solucionar as

<sup>2</sup> O preceptor é a figura responsável pela educação do Emílio, ou seja, é o seu tutor, ou ainda, o seu mentor, é de sua responsabilidade conduzir Emílio pelos diferentes estágios de sua formação.

divergências entre os interesses privados e coletivos. Ao longo da teoria rousseauiana vemos um esforço em justificar a troca da liberdade negativa em prol da liberdade positiva. Com isso se conclui que os interesses privados devem se adequar aos interesses coletivos, o indivíduo deve-se adequar ao grupo. Logo, o amor à pátria torna-se uma ferramenta importante neste processo.

**Palavras-chave:** Amor-de-si. Amor-próprio. Pátria.

## Referências

CASSIRER, Ernst. **A questão de Jean-Jacques Rousseau**. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

DENT, N. J. H. **Dicionário Rousseau**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

DERATHÉ, Robert. **Rousseau e a ciência política de seu tempo**. Tradução Natalia Maruyama. São Paulo: Barcarolla, 2009.

FORTES, Luís Roberto Salinas. **Rousseau: da teoria à prática**. São Paulo: Ática, 1976.

\_\_\_\_\_. **Rousseau: o bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1996.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Cronologia e Tradução de Maria Ermantina Galvão. Introdução de Jacques Roger. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. (Clássicos).

\_\_\_\_\_. **Do contrato social ou princípio do direito político**. Tradução de Lourdes Santo Machados. Introdução e notas Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes de Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005b. (Coleção Os Pensadores, v. 1).

\_\_\_\_\_. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992c.

\_\_\_\_\_. **Rousseau e as relações internacionais**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: UNB, 2003.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

**REFLEXÕES A PARTIR DO SUBPROJETO PIBID/FILOSOFIA-UFSM NA  
FORMAÇÃO INICIAL DO LICENCIANDO EM FILOSOFIA**

Jerfferson Paim Luquini\*

Emilana Soares Ziani\*\*

**Resumo:** No presente trabalho temos o objetivo de trazer reflexões sobre a nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-FILOSOFIA), subprojeto Filosofia-UFSM, refletindo os impactos que esta política pública promoveu na nossa Formação Inicial. Para tanto, ressalta-se que ingressamos no curso de licenciatura em filosofia-UFSM no ano de 2010, e por sua vez, adentramos como integrantes do Programa, em 2012 desenvolvendo atividades pelo período de dois anos, até o ano de conclusão do curso. A principal contribuição deste trabalho é mostrar e refletir acerca dos impactos da experiência de inserção no espaço escolar, considerando a Formação Inicial. O PIBID/Filosofia tem o objetivo de preparar e incentivar alunos de graduação a iniciarem à docência na escola básica. Enquanto bolsistas atuamos na Escola Edna May Cardoso, situada na COHAB Fernando Ferrari SM/RS, desenvolvendo oficinas filosóficas junto aos alunos do Ensino Médio. A inserção no PIBID/Filosofia nos apontou caminhos de como nos constituir enquanto sujeito-professor, levando em consideração as infinitas possibilidades de apresentar a filosofia ao jovem do Ensino Médio. De acordo com Larrosa (2004, apud TOMAZZETI, 2013, p. 70) “a formação pode ser, também, autoformação, que pode encaminhar o sujeito, primeiramente, para “combater o que já se é” para “chegar a ser o que se é”. Autoformação é, portanto, invenção, é experimentação, pois “ a experiência é o que nos passa e o modo como nos colocamos em jogo, nós mesmos, no que se passa conosco. No processo do fazer filosófico em sala de aula, as intervenções pensadas pelo grupo de bolsistas PIBID/Filosofia resultou em um trabalho nas escolas que se estruturaram no formato de oficinas filosóficas, as quais procuravam interligar a filosofia com as questões sociais, culturais, econômicas, éticas e políticas que se entrecruzam com o cotidiano escolar e a realidade dos alunos. Assim, ao longo da nossa formação fomos aos poucos nos aproximando cada vez mais do ensino de filosofia, uma vez que a questão de ensinar filosofia começou a ser vista como um problema propriamente filosófico, e também político e não como uma questão exclusiva ou basicamente pedagógica (CERLETTI, 2009). No contexto das atividades desenvolvidas no PIBID/Filosofia, destacam-se alguns marcos importantes, entres estes: a realização da I Olimpíada filosófica PIBID/UFSM, intitulada: *O homem e as Tecnologias do Séc XXI*, que realizou-se no ano de 2012. As escolas participantes da Olimpíada foram: Escola Edna May Cardoso e Escola Augusto Ruschi. Com a realização da Olimpíada filosófica o processo ocorreu de maneira inversa, os alunos do Ensino Médio se deslocaram até a universidade, para apresentarem seus projetos, estabelecendo assim, uma ponte entre universidade e escola pública. Pois, assim efetiva-se um dos objetivos principais do PIBID/CAPES/2007 que é: “promover a articulação integrada da educação superior do sistema federal com a educação básica do sistema público, em proveito de uma sólida formação docente inicial”. Por fim,

---

\* Licenciado em Filosofia, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Email: [jeff.luquini@gmail.com](mailto:jeff.luquini@gmail.com)

\*\* Licenciada em Filosofia, cursando Especialização Ensino de Filosofia no Ensino Médio (Ead/UAB/UFSM). E-mail: [milana2012filosofia@gmail.com](mailto:milana2012filosofia@gmail.com)

foram desenvolvidas oficinas de forma variada por meio da música, do teatro, da poesia, produção de histórias em quadrinho e fanzines, abrangendo a elaboração de curtas metragens. Todo processo de consecução das atividades, iniciou-se pela leitura e escrita filosófica “pois a filosofia é uma desorientação, e a leitura de textos e a produção textual é que nos darão consciência para que, a partir dessa desorientação, possamos construir” (p.19); enquanto fonte da reflexão e, por conseguinte, da problematização, ato fundante do processo de constituição da filosofia/filosofar. Apresentamos neste momento, a elaboração e aplicação de uma oficina realizada por nós, em conjunto com os alunos do ensino médio da Escola Edna May Cardoso. A temática para o desenvolvimento da mesma girou em torno do tema central: “Realidade Brasileira” tendo-se por eixos, os sub-temas: Gênero, Trabalho, Comunicação e Direitos Humanos. Por conseguinte, expõe-se o relato sobre os assuntos e produções filosóficas desenvolvidas por meio das oficinas em que se discutiu o sub-tema Gênero. Assim, realizaram-se três oficinas com as turmas de 1º ano, 2º ano e 3º ano do ensino médio do turno da manhã, fundamentando-se na metodologia desenvolvida por Sílvio Gallo: Sensibilização, Problematização, Investigação e Conceituação. Deste modo, em um primeiro momento como forma de sensibilização proporcionou-se aos alunos a assistir dois vídeos, intitulados: Vestido Nuevo e Gênero: Homem x Mulher. Com a turma 1 ano A e 1 ano B, a oficina procedeu em momentos, sensibilizando-os com o vídeo. Posteriormente partiu-se para a explicação acerca dos conceitos: corpo, gênero e sexualidade. Com uma contextualização histórica da filosofia, recorreu-se a uma abordagem Platônica, onde o filósofo trata da questão do gênero sexual, por meio de uma narração de um mito, em estilo irônico, irreverente e espirituoso, pois o mesmo argumenta que os gêneros sexuais antigos homens esféricos não eram dois, mas três: o masculino, o feminino, e o andrógino, um ser dotado de órgãos sexuais masculinos e femininos. Os diálogos com o 2º ano A, seguiram uma vertente onde se viabilizou momentos a partir do curta – metragem: Vestido Nuevo, tendo-se por base o texto: O banquete de Platão trabalhando e explicando o mito do andrógino. Dentre os principais conceitos abordados destacam-se: homossexual, heterossexual e bissexual referentes ao contexto explicativo sobre sexualidade e os referentes à Gênero: homem, mulher e transexualidade. E, com o 3º ano A, houve a sensibilização por meio do vídeo, e posteriormente a problematização, onde indagou-se perguntas para os alunos, dentre estas: Quais as questões que eles evidenciaram no vídeo? Porque ainda na sociedade é muito marcante a atribuição de regras e leis que se referem ao homem e a mulher? A partir da produção textual dos alunos, percebeu-se pelas escritas que os mesmos mostraram-se interessados pela temática, Assim destacam-se as seguintes redações compostas por eles: Nos tempos de hoje há muito preconceito com as pessoas com a opção sexual diferente. No meu ponto de vista todos tem o direito de escolher sua sexualidade. Acho também que as pessoas precisam aceitar, sem ter preconceito, porque na sociedade atual, o que define a pessoa não é mais seu caráter e sim sua maneira de se vestir, seus gestos e modos de falar, e isso é errado. O ser humano é tão avançado para algumas situações e tão atrasados em outros, como nesse caso. Se a pessoa quer ser “bissexual” ou “Gay” isso cabe a ela, e ninguém tem o direito de interferir na sua vida, sendo necessário o respeito para com ela da forma tradicional, assim como age com todas as pessoas. (1B) As atividades relatadas foram as mais significativas no processo de atuação junto aos jovens, em vista, de desenvolver em sala de aula a prática filosófica, promovendo a interação com a escola, bem como aproximar-se da realidade do aluno. Assim, todo processo desenvolvido em torno das atividades/intervenções promoveu aos alunos espaços/tempos de reflexões, de diálogos, pilares fundantes do fazer filosófico. Por conseguinte, destaca-se o crescimento dos bolsistas neste fazer, em relação a sua prática docente, pois se começa a ser professor no momento em que se está em sala de aula, isto é, no ambiente escolar, compartilhando experiências e vivenciando as dificuldades do dia- dia que uma escola pública enfrenta. E o PIBID/Filosofia-

UFSM sem sombra de dúvidas nos proporcionou a aproximação entre a universidade e a escola pública.

**Palavras-chave:** Formação Inicial. Filosofia. Pibid-Filosofia.

### Referências

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como Problema Filosófico**. (Tradução Ingrid Xavier), Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Rideel, 2005.

TOMAZETTI, Elisete. O Pibid e a formação de professores de filosofia. In: TOMAZZETTI, E; LOPES, A. **PIBID UFSM Experiências e Aprendizagens**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

Vestido Nuevo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ktCXZg-HxGA>>.



**PROJETO AUTONOMIA PARA O CONHECIMENTO IV: UMA DIFUSÃO  
CARISMÁTICA NA ESCOLA EDY MAYA BERTOIA**

Filipe Gomes de Freitas<sup>\*</sup>

Gustavo Henrique Rondis Cruvinel<sup>\*\*</sup>

Tobias Zeni Grando<sup>\*\*\*</sup>

André Felipe Belmirio<sup>\*\*\*\*</sup>

**Resumo:** O projeto *Autonomia para o conhecimento* teve início no ano de 2006, empenho da Faculdade Palotina (FAPAS) que se vê no mundo e tenta transformá-lo a partir da educação. O presente resumo expandido tem a finalidade de apresentar a importância que o projeto *Autonomia para o conhecimento* tem em meio a uma educação defasada e que clama por novas ações e possibilidades. Metodologicamente o seguinte trabalho foi dividido em uma breve introdução/contextualização sobre o projeto, as práticas com os alunos e os temas eleitos para a fundamentação teórica, e finalizamos com uma breve avaliação de nós e das atividades, pois julgamos que o processo de ensinar não é passivo, mas compreende que todos os agentes envolvidos ensinam e aprendem ao mesmo tempo. A Faculdade Palotina é uma instituição confessional, fundamentada na obra proposta por São Vicente Pallotti. Sendo uma instituição confessional a luz de um carisma específico, a FAPAS tem por missão *reavivar a fé e reacender a caridade*, para que alcancemos o objetivo primeiro de nos tornarmos “[...] um só rebanho e um só pastor [...]” (cf. Jo 10, 16). Embasada nessa missão a Faculdade Palotina busca através da excelência no ensino, pesquisa e extensão, ser luz em meio a sociedade. Nessa esteira, o projeto *Autonomia pelo conhecimento IV* é um plano de extensão do Curso de Filosofia e Teologia da FAPAS em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Edy Maya Bertóia a partir de março de 2014. Para contextualizar, o projeto *Autonomia pelo conhecimento* teve sua primeira edição em 2006, fruto de um trabalho conjunto entre a FAPAS e o Colégio Coronel Pilar. O projeto foi executado e adquiriu credibilidade e tradição, sendo reeditado em mais etapas e em 2013 chegou na oitava edição. A proposta de expandir este projeto tem sua origem na repercussão que o mesmo obteve no decorrer dos anos de realização naquela escola. A proposta tornou-se conhecida pela comunidade escolar da região, a aceitabilidade e a repercussão foram tão grandes que muitas outras escolas pediram para participar, pois sabiam que além de estimular o conhecimento, traz uma mensagem singular, fruto de uma espiritualidade específica. Com isso, fez-se necessário uma reconfiguração do projeto inicial para adaptações ao novo público. Além do mais, este projeto de extensão, do Curso de Filosofia da FAPAS, foi; a partir de 2014, agregado o Curso de Teologia, para se tornar mais amplo e confirmar cada vez mais a identidade e missão da instituição, de forma mais nítida e aprimorada. Devido a grande

<sup>\*</sup> Acadêmico do 4º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina FAPAS. E-mail: [filipe.sh.freitas@gmail.com](mailto:filipe.sh.freitas@gmail.com).

<sup>\*\*</sup> Acadêmico do 4º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina FAPAS. E-mail: [gurondis@hotmail.com](mailto:gurondis@hotmail.com).

<sup>\*\*\*</sup> Acadêmico do 4º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina FAPAS. E-mail: [tobiasgrando@gmail.com](mailto:tobiasgrando@gmail.com).

<sup>\*\*\*\*</sup> Acadêmico do 4º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina FAPAS. E-mail: [andrefelipe\\_f42@hotmail.com](mailto:andrefelipe_f42@hotmail.com).

aceitação, em 2015 está acontecendo o projeto *Autonomia pelo conhecimento IV* - 2ª etapa, na Escola Edy Maya Bertóia. O projeto *Autonomia pelo conhecimento IV*, portanto, é uma extensão do projeto *Autonomia pelo conhecimento I*, nessa perspectiva, o projeto *Autonomia pelo conhecimento IV* quer, além de promover a discussão filosófica em favor do humano, busca apresentar, divulgar e cumprir a missão da FAPAS na Sociedade Civil. A dinâmica, fundamental, do Projeto é ir até a escola, a qual acolhe e proporciona um ambiente favorável às atividades. Essas ocorreram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Edy Maya Bertóia no período matutino. Por fim, o projeto *Autonomia pelo conhecimento IV* é uma nova proposta de trabalho; mas, que mantém a raiz de promover uma reflexão em torno da temática da paz, e como outros temas, como a solidariedade, valores e sustentabilidade. O ato de ensinar requer um método, este dará ordenamento ao processo de aprendizado, no entanto, o Projeto *Autonomia para o conhecimento IV*, quer ir além de um ensino/aprendizagem superficial, mas encaminhar os alunos à sabedoria, pois “entre os estudos humanos, Sabedoria é o mais perfeito, o mais sublime, o mais útil e o mais alegre” (TOMÁS, I-cap. II, p. 21). Na esperança de estar levando à escola Edy Maya Bertóia um despertar para Sabedoria, desenvolvem-se práticas empregando o método da ‘admiração’. É “[...] por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples, em seguida, progrediam pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores [...]” (ARISTÓTELES, 2013, p. 11). É visando o desenvolver deste método que discorremos com as atividades na escola. Tendo previamente esclarecido qual o método que norteia nossas atividades, passa-se agora às explanações sobre as dinâmicas empregadas na escola. Os encontros na escola Edy Maya são realizados mensalmente com as turmas dos 3º, 4º e 5º anos na faixa etária de 6 a 10 anos, contendo em média 80 alunos beneficiados. Para realização das atividades conta-se com uma equipe de sete acadêmicos: cinco da filosofia e dois da teologia, e um professor da FAPAS como coordenador, além dos professores e direção da Escola Edy Maya Bertóia como apoio. Para que haja um melhor aprendizado os encontros são estruturados da seguinte forma e variando segundo o tema: Ao dar início a cada encontro, um do grupo é responsável por preparar a dinâmica e dar funções específicas aos outros, sendo utilizados como recursos didáticos: violão, vídeos, materiais diversos, filmes, e oficinas. Geralmente, para realização da atividade quatro membros participam ativamente da dinâmica enquanto outros desempenham outras funções como: relatar o encontro, fotografar e auxiliar na busca de recursos. Até então, foi trabalhado com os seguintes temas: ‘Valorização da vida’, ‘Paz na escola’, ‘Valores’ e ‘Responsabilidade’. No encontro que ocorreu no dia dezoito de agosto de dois mil e quinze (2015) o tema delimitado foi ‘Valores: vivendo em harmonia’ esse tema teve a dinamização utilizando: o violão e vídeos que sensibilizaram os alunos para pensar em seus hábitos cotidianos e as suas interações na escola e fora dela. Um dos pontos tratados de maior ênfase foi à vida como o maior valor a ser preservado, sendo proposto, que para ser uma pessoa valorosa deve se ter bons hábitos que nos permite uma melhor interação com o mundo que nos rodeia. A Faculdade Palotina por ser uma instituição confessional leva, não apenas conteúdos previamente estruturados, mas um acompanhamento humano que é reflexo de seu carisma pessoal fundamentado em Vicente Pallotti. Tendo em vista essa missão, além de levar estes conteúdos, propomos aos professores que encaminhassem alguns alunos para um acompanhamento individual, este se estrutura de uma forma mais de escuta das ansias e dificuldades de cada aluno, não como uma forma de repreensão ou castigo, mas um modo de ouvir aqueles que, sendo fruto de um contexto, não tem a possibilidade de falar aquilo que sentem. Os acompanhamentos acontecem de forma sigilosa, nem mesmo os professores sabem o conteúdo tratado nestas conversações. O importante a ser dito é o resultado de tal empreendimento, que é demonstrado em sala de aula após o encontro pessoal, ocorreu uma mudança de comportamento mais significativa daqueles que eram tidos como irrecuperáveis e desordeiros, no entanto, não deixaram de dar trabalho

em relação ao comportamento, mas estão mais abertos aquilo que os seus professores propõem. Considerando toda prática e envolvimento com a escola, é evidente que há uma imensa necessidade de educadores fundamentados em um carisma confessional em meio ao processo de ensino/aprendizagem. Há muitas vantagens em empregar um fundamento que norteia a educação. Dentre os encontros realizados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Edy Maya Bertóia é evidente que o que melhor deu resultados foi os acompanhamentos individuais. Estes deram imediatos reflexos dentro da sala de aula. Em meio a tudo isso, é justificável o empenho de uma fundamentação espiritual dentro das escolas. No que compete aos membros do projeto, é dar continuidade a essas atividades, tanto em relação aos temas, quanto aos encontros individuais, estes não como formas de castigo e repreensão, mas de escuta e auxílio nas mais diversas dificuldades. No entanto, o processo de aprendizagem não se faz sozinho e muito menos em uma passividade, mas em uma troca mútua entre 'mestre e discípulo'. Num processo humilde de conhecer e reconhecer que não sabemos tudo. E assim, como os alunos aprendem com os encontros individuais, não apenas eles, mas aqueles que os escutam agregam muito mais conhecimentos.

**Palavras-chave:** Educação. Vicente Pallotti. Aprender. Método.

## **Referências**

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2001. v. 2

BIBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra Os Gentios**. Tradução de D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora. 1990.



**A FILOSOFIA COMO UM PENSAR AUTÔNOMO NUMA PERSPECTIVA  
FREIRIANA**

Gian Carlo Santos Garcia\*

Michele Quinhones Pereira\*\*

**Resumo:** A presente pesquisa tem por finalidade apresentar um estudo a respeito da importância que possui a disciplina da Filosofia no ensino médio, na rede pública de ensino, onde foi oportunizada uma experiência com regência de classe e vivência da rotina dos profissionais da área de educação, destacando-se a contribuição no processo do pensar, na formação do educando. Muito antes que as filosofias viessem expressamente a ser formuladas em sistemas, já a educação nada mais era do que meio de se transmitir a visão do mundo e do homem, que a respectiva sociedade cultivava. Percebe-se ao longo da história a busca pelo interesse do estudo da Filosofia, o que comprova na prática, que ela auxilia para uma maior reflexão e orienta questionamentos feitos pelos estudantes que em sua maioria, estão acostumados a não entender ou mesmo, nem sabem para que esta disciplina se propõem e se aplica hoje em dia nos currículos escolares, visto que o reconhecimento da Filosofia como uma ferramenta de auxílio para a construção do pensamento autônomo vem das vivências e experiências deixadas para nós pelo fundamento da pedagogia Freiriana. Para Gadotti (2007, p.8): A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o outro, discutir, fazer política [...] Somos programados para aprender, mas o que aprendemos depende do tipo de comunidade de aprendizagem a que pertencemos. [...] A escola como segunda comunidade de aprendizagem precisa levar em conta a comunidade que estamos imersos. Filosofia e educação se fazem campos paralelos de estudo e de prática, e em nenhum outro período da história se registra afirmação mais decisiva, primeiro, quanto à função da educação na formação e distribuição dos indivíduos pela sociedade e, em segundo lugar, quanto ao reconhecimento de que sociedade ordenada e feliz será aquela em que o indivíduo esteja a fazer aquilo a que o destinou sua natureza. Segundo Freire (1997) uma das questões fundamentais é oportunizar condições em que educandos, professores e comunidade possam interagir. Um lugar de lutas e conflitos. Estamos sempre em transformação, assumindo seu papel como ser autônomo, social, transformador e pensante. Os questionamentos soledores desta pesquisa surgiram a partir de minha experiência enquanto pesquisador no campo da filosofia. Partimos da teoria de Freire, ele os define como: o primeiro pilar é aquele em que o educador se intera daquilo que o aluno conhece, não apenas para poder avançar no ensino de conteúdos, mas principalmente para trazer a cultura do educando para dentro da sala de aula; o segundo, é o da exploração das questões relativas aos temas em discussão, o aprofundamento, o que permite que o aluno construa o caminho a partir do senso comum; e finalmente, deve-se partir do abstrato para o concreto, na chamada etapa da problematização: o conteúdo em questão apresenta-se “dissecado”, o que deve sugerir ações para superar impasses. Para fins de referência, a pesquisa pretende-se, principalmente, compreender as ideias do pedagogo Paulo Freire, que serviram como ferramenta útil, visto a sua importância como um dos pilares e fonte de conhecimento deste educando; outro sim,

---

\* Acadêmico do curso de Filosofia-FAPAS. E-mail: [giancarlologarcial@gmail.com](mailto:giancarlologarcial@gmail.com).

\*\* Orientadora da pesquisa. Educadora Especial, professora no curso de Filosofia-FAPAS e na UNIFRA. E-mail: [michele\\_qp@hotmail.com](mailto:michele_qp@hotmail.com).

realizar uma análise parcial do histórico da disciplina e seu reconhecimento frente as legislações vigentes em nosso país. Acreditamos que quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. “Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e suas circunstâncias” Paulo Freire.

**Palavras-chave:** Filosofia. Ensino médio. Educação. Paulo Freire.

### **Referências**

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar / Moacir Gadotti – 1 Ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

RIBAS, Maria Alice C. et al (RS). **Filosofia e ensino:** a filosofia na escola. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 2005 (coleção filosofia e ensino).

ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio:** ambiguidades e contradições na LDB. Campinas: Autores Associados, 2002.

ASPIS, Renata Lima, GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia:** um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BRASIL, ldb: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** lei nº 9.394/96. 5ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIDA INTELECTUAL NA EDUCAÇÃO

Junior Lago\*

**Resumo:** A educação é um projeto de vida, é um trabalho no espírito, uma atualização das potências de cada sujeito. Um projeto que demanda penetração e continuidade, empenho metódico e recursos, por assim dizer, supremo, que vai ao interior. Procura um feliz complemento e uma recompensa no profundo desenvolvimento do espírito. É um trabalho sério, só se incorreria em contrariedades ao se lançar neste caminho não tendo os passos firmes. Esse trabalho é imposto a todos, e depois de uma onerosa formação, ninguém estará agindo com sabedoria se deixar seu espírito retornar pouco a pouco a seu estado de indigência inicial. Os atletas da educação, tal como os dos esportes, devem prever as privações, os longos treinos e uma tenacidade às vezes sobre-humana. É preciso entregar-se de todo o coração para que a verdade se entregue. A verdade só está a serviço de seus escravos. ‘Queira o que quer a verdade; consinta, por ela, a mobilizar-se, a instalar-se nos setores próprios a ela, a organizar-se e, por serdes inexperientes, a apoiar-se na experiência dos outros’. Contando com as considerações feitas a cerca da ‘Pedagogia Sistemática’ proposta por Hubert Henz<sup>1</sup>, seguirá, a partir do esquema da educação, uma gama de conceitos basilares. Sendo como *télos* e sendo como *enteléquia*. Segue, dessa forma, a evolução do pensamento proposto. Aplicando o processo de analogia<sup>2</sup>, em um primeiro momento, Hubert utiliza o termo finalidade de forma elevada, referindo-se a aspirações devidas de valores. Nesse momento se tem acepções que remetem à consciência, à atenção e ao uso inteligente dos meios. Aqui, o *télos*, é um movimento para frente, ao longe, pragmaticamente. Num segundo momento da utilização do processo de analogia, o autor obtém a conclusão de que a finalidade seja todos os movimentos e atividades que ocorrem por natureza (instinto, fome). Tem-se aqui o conceito de enteléquia como imanente aos movimentos. No entanto, muitas vezes tal instinto é guiado pela consciência, que lhe é maior, aqui insurge a necessidade de uma ligação a algo que não seja imanente. Aqui, o conceito de enteléquia é um movimento de ‘curta distância’. Portanto, no início o autor faz menção às realidades que são supremas, mais interiores, às quais ele atribui à finalidade mais elevada. Tal explicação se faz necessária partindo do ponto em que parece, pelos fatos, que o fim da atitude de educar não se esgota apenas em educar um determinado sujeito, mas, ela parece transcender a tal realidade, tanto que Hubert Henz elucida que é mister que os mais velhos eduquem, ‘atualizem as potências’ encontradas nos mais novos. No entanto, a atividade do mais velho não se esgota no ato de educar o mais novo em determinado valor, mas sim, alude que esse mais novo eduque outros e, estes, por sua vez, a outros, implicando em uma continuidade do processo. Para tal processo, o indivíduo em particular precisa fomentar a sua vida intelectual, uma vez que é dela que se valerá na educação. A vida intelectual, assim como a vida orgânica e a vida espiritual, precisa de uma constante atualização e dinâmica para que se mantenha receptível a todo conhecimento. Ela precisa ser alimentada, para isso se demanda serviço e trabalhos. “O trabalho intelectual é um

\* Acadêmico do V semestre de Filosofia da Faculdade Palotina. E-mail: [lagojunior95@live.com](mailto:lagojunior95@live.com).

<sup>1</sup> Para o entendimento de tal estudo é recomendado à leitura de um artigo introdutório sobre “A Finalidade da Educação em Hubert Henz”, disponível em: <http://192.185.213.204/~fapas413/index.php/anaiscongressoie/article/view/395>.

<sup>2</sup> Ou seja, efetuar através da passagem de afirmações de difícil constatação para outras facilmente verificáveis, realizando uma extensão ou generalização do conhecimento.

trabalho de uma vida. [...]. A virtude própria ao homem de estudo é evidentemente a estudiosidade” (SERTILLANGES, 2010, p. 21). O labor intelectual é uma faina<sup>3</sup> no espírito, uma atualização das potências de cada sujeito. Esse é um projeto, que demanda penetração e continuidade, empenho metódico e recursos, é um projeto rumo ao interior. Procura um feliz complemento e uma recompensa no profundo desenvolvimento do espírito. É um exercício sério, só se incorreria em contrariedades ao se lançar neste caminho não tendo os passos firmes. Esse trabalho é imposto a todos, e depois de uma onerosa formação, ninguém estará agindo com sabedoria se deixar seu espírito retornar pouco a pouco ao seu estado de indigência inicial. Os atletas da educação, tal como os dos esportes, devem prever as privações, os longos treinos e uma tenacidade às vezes sobre-humana. É preciso entregar-se de todo o coração para que a verdade se entregue. A verdade só está a serviço de seus escravos. Queira o que quer a verdade; consinta, por ela, a mobilizar-se, a instalar-se nos setores próprios a ela, a organizar-se e, por serdes inexperientes, a apoiar-se na experiência dos outros. Apoiar-se na experiência dos outros, caminhar sobre as pegadas que estão em solo firme. O processo de educação ocorre onde existe um ser que pode ser educado, ou ainda, um ser que, a partir de seu interior, molda-se de encontro à ordem<sup>4</sup>. Quando alguém fala de educação, deve falar da sua experiência de educação particular. Os demais ao lhe ouvirem, internamente são levados, cada um, a sua experiência. E quando se educa se conduz o educando não de fora para dentro, mas de dentro para fora. ‘Conhece-te a ti mesmo’, essa é uma frase paradoxal para a questão educacional. Que a partir do momento em que o sujeito é capaz de conhecer o que se passa em seu interior consegue estabelecer diálogos com o seu próximo. Ao estarmos inseridos numa realidade aonde parece haver uma libertinagem em face da educação e, a juventude, tão sensível à libertação e à lei do maior agrado, encontra nisto uma forma de justificação de sua alforria moral, no abandono de costumes e valores humanos por parte dos órgãos orientadores da sociedade. ‘Quantos jovens, a pretexto de se tornarem grandes trabalhadores, desperdiçam miseravelmente seus dias, suas forças, sua seiva intelectual, seu ideal!’. Ou eles não trabalham ou trabalham mal, sem saber o que querem, nem para onde querem ir, nem como se caminha. Contudo, que diferença, quando se prevê, quando se sabe o que se quer! ‘O gênio é uma longa paciência, mas uma paciência organizada, inteligente’. Não há necessidade de faculdades extraordinárias para se realiza esta obra, basta disciplina. ‘Uma correnteza comprimida entre margens se atirárá mais longe’. Bem, o que é verdadeiro para a sabedoria é também verdadeiro para a compreensão, a compreensão que consiste em *insights* básicos sobre a natureza da vida ou da sociedade de propósito para obter tamanha compreensão (LONERGAN, 2010, p. 326). É quase possível dizer que a mente ou almas das crianças são como que terrenos muito rasos para que as ideias básicas formem raízes. Viu-se que não há como provocar certo efeito no outro se antes não se fez esse trabalho consigo mesmo, então: como ensinar filosofia a alguém que está fora da filosofia? É possível fazer uma criança filosofar? A criança é capaz de cultivar uma vida intelectual? Ela é capaz de dominar a *enteléquia* da educação? É-nos inculido um pensamento de que é sim possível a criança<sup>5</sup> filosofar. Mas a criança ainda é, como que, isenta de uma sabedoria, que é adquirida com experiências das mais diversas seguidas de reflexões a cerca de atitudes interiores e exteriores. Já os adultos são mais educáveis que as crianças, da mesma forma que crianças são mais treináveis que adultos. As crianças podem formar hábitos,

<sup>3</sup> Um trabalho árduo que se estende por muito tempo rumo a sua finalidade.

<sup>4</sup> Entende-se aqui algo semelhante a ideia de Natureza na concepção dos filósofos antigos: a causa, a força e a finalidade de determinada coisa.

<sup>5</sup> Entende-se aqui por criança, o ser humano em pleno crescimento, antes da formação, antes das paixões (altruísmo) vinculadas a esta, “antes da preocupação de ganhar a vida, ou, o que vem a ser a merma coisa, antes que ele possa se instruir por experiência direta, portanto alimentado, governado e protegido pela família” (ALAIN, 2012, p. 173).

hábitos do corpo e mesmo hábitos da mente, mais prontamente que adultos (ADLER, 2013, p. 220 - 221). Nesse sentido se orienta a práxis educacional aqui proposta, que uma boa escola desempenhe duas funções de ser uma vida de aprendizado que acontece quando a escola acaba, quando os homens e as mulheres deixam a escola: 1º. Dar a criança as habilidades do aprendizado e 2º. Dar a criança alguma familiaridade com o mundo do aprendizado. A primeira se refere que, se a criança um dia deixará a escola e se o aprendizado deve continuar durante toda a vida depois da escola, é necessário aprender como aprender. A arte e as habilidades de aprender na escola, todas as técnicas como ler, escrever, conversar e ouvir que estão envolvidas no aprendizado, devem ser adquiridas na escola. É uma das funções principais da educação. A segunda função que uma boa escola deve fazer pela preparação de uma vida de futuro aprendizado é dar a dar alguma familiaridade com o mundo do aprendizado. E não apenas uma familiaridade, mas algum incentivo, algum estímulo real para seguir aprendendo quando ela deixar a escola. A criança se guia pelo exemplo de seus mestres, logo, estes devem transbordar do ímpeto de aprendizado.

**Palavras-chave:** Educação. Vida intelectual. Formação Humana. Filosofia para Crianças.

## Referências

ADLER, Mortimer J. **Como pensar sobre grandes ideias**. São Paulo: Editora É Realizações, 2013. (Coleção Educação Clássica).

ALAIN. **Considerações sobre a educação seguidas de pedagogia infantil**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2012. (Coleção Educação Clássica).

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO. 6 – 9 de mai. 2015. Santa Maria. **A finalidade da educação em Hubert Henz**. Disponível em <<http://192.185.213.204/~fapas413/index.php/anaiscongressoie/article/view/395>>. Acesso em: 20 de mai. 2015.

HENZ, Hubert. **Manual de pedagogia sistemática**. Pedagogia geral e diferencial. Introdução aos métodos de pesquisa pedagógica. Tradução de Dr. Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Herder, 1970.

LONERGAN, Bernard. **Insight**. Um estudo do conhecimento humano. São Paulo: É Realizações, 2010. (Coleção Filosofia Atual).

SERTILLANGES, A. –D. **A vida intelectual: Seu espírito, suas condições, seus métodos**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010. (Coleção Educação Clássica).



## EDUCAÇÃO E MORALIDADE EM KANT

Luana Pagno<sup>\*</sup>

Luciana Vanuza Gobi<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** Observando as contribuições que Kant têm nas diversas teorias educacionais, marcadas profundamente pelo aparecimento da autonomia e do conceito de esclarecimento, conceitos estes que têm uma forte ligação com a sua teoria moral, o objetivo do presente trabalho é compreender a relação entre a proposta pedagógica de Kant e a sua filosofia moral, com a intenção de investigar se na filosofia de Kant, a pedagogia existe apenas como um fim para atingir o ideal moral, ou então, se ela tem uma autonomia na filosofia kantiana, no sentido de ser compreendida em quanto um processo educacional relacionado não só ao ideal moral, mas, com a cultura, a sociabilidade e entre outras coisas. Deste modo, primeiramente será explanado um pouco da proposta moral de Kant, depois será apresentada e investigada a proposta pedagógica, para posteriormente compreender se a pedagogia kantiana tem uma determinada autonomia em sua obra, ou se, ela apenas serve como um meio para atingir o ideal moral. Além disso, toda essa discussão também conduzirá a uma investigação da própria moralidade, tendo em vista a possibilidade de que o ideal moral kantiano não esteja relacionado apenas com a perfeição do homem enquanto agente moral, mas, com a o seu desenvolvimento enquanto ser racional, cultural, social e político. Tal debate é importante, pois, permite compreender um pouco do que Kant pretendia ao tratar de uma pedagogia, e até mesmo, permite que sejam revistas as atuais leituras da influência de Kant na educação. Levando em consideração que a filosofia kantiana é fonte de diversas contribuições para o debate educacional e pedagógico, o seguinte texto pretende investigar a proposta pedagógica kantiana e sua relação com a teoria moral a fim de descobrir se Kant teria uma teoria pedagógica autônoma, ou então, se sua teoria sobre educação é apenas um meio para atingir o seu ideal moral. É evidente nas obras de Kant que existe uma relação entre a sua pedagogia e a moralidade, no entanto, é necessário investigar melhor tal relação, visto que, as conclusões deste debate podem nos permitir duas diferentes interpretações, as quais podem sugerir que seja revisto o modo como usamos as ideias de Kant na educação. Assim, o debate é importante porque mediante ele, dois tipos de conclusões podem ser obtidas: Primeiro, é que se concluirmos que a pedagogia de Kant é apenas um fim para atingir a moralidade, ela não tem um conteúdo autônomo, o que nos permite concluir que Kant não está necessariamente preocupado com a educação num todo, mas apenas com o fim moral. Logo, é necessário investigar o modo como utilizamos os conceitos kantianos na educação. Em seguida, é importante notar que essa mesma perspectiva também nos possibilita considerar que a moralidade para Kant tem um ideal bem mais amplo, que não só o bem viver, ou então a perfeição, mas também, ela é o que conduz o homem para uma educação<sup>1</sup> mais completa. Apresentando, também, a possibilidade de que mesmo Kant já acreditará na ideia de que é

<sup>\*</sup> Mestranda pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [lp\\_luana@hotmail.com](mailto:lp_luana@hotmail.com).

<sup>\*\*</sup> Mestranda pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [luhgobi@hotmail.com](mailto:luhgobi@hotmail.com).

<sup>1</sup> Usa-se o termo educação aqui num sentido bem amplo, relacionado com a formação (aquilo que Kant e a filosofia alemã chamou de *Bildung*), ou seja, com a obtenção de conhecimento científico, de cultura, por exemplo, semelhante a uma educação escolar. Usamos o termo aqui na intenção de compreender se Kant acredita que a própria moralidade já daria conta disso visto que ela está relacionada com um ideal de perfeição e de exercício autônomo da razão.

necessário antes de uma educação moral, do que uma educação apenas cívica. Assim sendo, a pesquisa se desmembra em duas etapas de investigação literária. A primeira dedicada apenas à (1) moralidade em Kant, e a segunda dedicada à (2) pedagogia kantiana. Na parte dedicada à moralidade em Kant se apresenta um pouco da teoria moral, principalmente através das obras *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* e *Crítica da Razão Prática*, com vista a entender o papel que ela desempenha na vida do homem, o que permite compreender por que ela pode ter alguma relação com a educação em Kant. Enquanto que, o próximo passo, que fora dedicado a investigação da proposta pedagógica de Kant, visto que não existe nenhuma obra em específico de Kant tratando sobre o tema, será investigado principalmente o compêndio de textos intitulado *Sobre a Pedagogia*, organizado pelo aluno de Kant Friedrich Theodor Rink e mais algumas obras como a *Metafísica dos Costumes* e entre outras, que podem contribuir para o entendimento da pedagogia kantiana. Essa segunda parte do texto permite compreender melhor, através do estudo da proposta pedagogia kantiana, a relação da moral com a pedagogia e as intenções de Kant com ambas. Assim sendo, neste trecho são tratadas minuciosamente o papel da educação física na pedagogia kantiana, o valor que Kant atribuiu ao desenvolvimento das habilidades sociais e culturais e entre outras coisas que visam esclarecer o que seria uma educação na visão kantiana. Ao final, levantam-se três possíveis conclusões: (A) que a pedagogia serve apenas como um meio de atingir o ideal de perfeição já na moralidade. (B) A pedagogia tem outros fins que estão relacionados com a formação do sujeito e não apenas o ideal de homem moral. (C) Frente a essas duas questões a ideia de que a própria moralidade, na medida em que está relacionada com um aperfeiçoamento humano, consiga dar conta dessa formação mais ampla. A primeira e a segunda hipótese serão descartadas, pois, observa-se trechos da obra que Kant demonstra certa preocupação com a busca pelo conhecimento, com o desenvolvimento das habilidades nos homens para que eles consigam atingir seus fins, principalmente nos trechos que destacamos a cultura, as habilidades, como sendo componentes do processo de educação. “A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade, e esta é a posse de uma capacidade condizente, com todos os fins que almejamos” (KANT, 1999, p.25). No entanto, mesmo notando que a pedagogia tenha outros fins, também foi possível observar que todos os outros fins têm uma relação com o ideal moral, destacados em alguns elementos que são: o autocontrole dos nossos aparatos sensíveis, na educação física, por exemplo, o exercício do pensar que aparece no desenvolvimento das habilidades, o modo como lidamos com os outros, que aparece no desenvolvimento da civilidade, e que também tem forte relação com o ideal moral. Sendo assim, existe uma possibilidade de dizer que a própria moralidade em Kant já de conta de uma formação muito maior no que se refere ao homem. Deste modo, a pedagogia pode ter como fim único o ideal moral, e ao mesmo tempo, através dele permitir o desenvolvimento de outras coisas relacionadas à *bildung*. É possível evidenciar naquele trecho da *Metafísica dos Costumes* e, também, na obra *Sobre a pedagogia* em que Kant menciona que as outras habilidades humanas não significam muito se ele não tiver moralidade. “A formação escolástica é a mais precoce. Com efeito, a prudência pressupõe a habilidade. A prudência e a capacidade de usar bem e com proveito a habilidade própria. Por último vem a formação moral, enquanto é fundada sobre princípios que o próprio homem deve reconhecer, mas, enquanto repousa unicamente no senso comum, deve ser praticada desde o princípio, ao mesmo tempo que a educação física, pois, de outro modo, se enraizaram muitos defeitos, a ponto de tornar vãos todos os esforços da arte educativa. Com respeito à habilidade e à prudência, tudo deve acontecer ao seu tempo com o passar dos anos. Mostra-se hábil, prudente, paciente, sem astúcia, como um adulto, durante a infância, vale tão pouco como a sensibilidade infantil na idade madura” (KANT, 1999, p. 35). Assim, é possível dizer que toda a pedagogia kantiana tem uma relação muito mais forte com a moralidade do que aparenta. E, que ao mesmo tempo, a própria moralidade kantiana está num patamar bem mais

amplo dentro do seu sistema filosófico, e que também, almeja um ideal de perfeição humana que não está relacionado apenas com o homem enquanto ser moral, mas também, enquanto homem cultural, social e etc. Levando em consideração isso, é preciso observar de que como alguns conceitos kantianos são interpretados pelas práticas educacionais atualmente e de como é importante um foco maior no desenvolvimento da moralidade no sentido kantiano.

**Palavras- chave:** Pedagogia. Autonomia. Cultura. Liberdade.

### **Referências**

- GALEFFI, R. **A filosofia de Immanuel Kant**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- GUYER, P. **Kant**. Aparecida, São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2009.
- HOFFE, O. **Immanuel Kant**. São Paulo: Martins Fontes editora, 2005.
- KANT, I. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A Metafísica dos Costumes**. São Paulo: Editora Edipro, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A Paz Perpétua e outros opúsculos**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da razão prática**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a pedagogia**. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- PASCAL, G. **Compreender Kant**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 2011.
- SCHNEEWIND, J.B. **A invenção da autonomia**. 2. ed. São Leopoldo, RS: editora Unisinos, 2005.
- SOUZA, N. M. **A filosofia de Kant: a moral como fio condutor da articulação do sistema kantiano**. Fortaleza: EdUECE, 2012.
- WOOD, A. **Kant**. Porto Alegre, RS: Artmed editora, 2008.



## **FILOSOFIA PARA CRIANÇAS UM DESPERTAR FILOSÓFICO A PARTIR DE DINÂMICAS**

Diego Maciel\*

Douglas Giuliani Durigon\*\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo fazer uma pequena introdução demonstrativa de um despertar filosófico através da utilização e desenvolvimento de dinâmicas, das quais foram aplicadas para crianças, propriamente, as que fazem parte do projeto PIBID-FAPAS. Aonde veremos que ao adentrarmos na perspectiva de introduzirmos a filosofia em sala de aula caímos no mundo de conhecimento que a nós não pertence, mas sim aos alunos. Com a perspectiva de que os alunos têm um conhecimento ainda não alcançado ou despertado, vemos a necessidade de um orientador que acima de suas preocupações em transmitir certo conhecimento se utilize da sensibilidade para se preocupar se o aluno está conseguindo aprender a pensar, o exercício da imaginação depende de quem a conduz. O papel que o professor representa em aula é de extrema importância para o aluno por mais que o professor não se dê conta disso, a responsabilidade de despertar o conhecimento parte de um bom orientador, e este só estará pronto para iniciar se estiver em sintonia com a sua turma levando em consideração que todos têm o desejo de conhecer mesmo que oculto. A criança por mais quieta que seja possui em suas entranhas um grande e denso desejo de conhecer as coisas, mas se sentem aprisionadas no mundo, talvez algumas se sintam jogadas ao mundo de forma a ficarem confusas. Cunha salienta que “na mente da criança, pode estar ocorrendo uma genuína inquietação, que merece ser escutada e encaminhada” (2008, p.49). O professor deve se utilizar de várias formas para abrir o leque de conhecimento que os seus alunos têm, desta forma nós nos preocupamos enquanto orientadores, em achar um caminho com o qual pudéssemos estar em sintonia com os alunos, demonstrando que acima de nossas preocupações estamos mais preocupados com eles, queremos que eles aprendam, e se utilizamos como base fundamental para persistirmos na luta a palavra com a qual Cunha nos adverte: “pensar como criança é a primeira atitude de qualquer grande filósofo” (2008, p.49). Percebesse que há ainda o pensamento por parte dos alunos que o professor é aquele que sabe tudo e que é incontestado, mas este pensamento não deve existir desta forma, devemos demonstrar que o que eles sabem pode ser muito valioso e que orientado de forma correta contribuirá para o desenvolvimento da aula. Nesta perspectiva percebemos a necessidade de um novo modo de introduzir a filosofia, um modo que seja mais criativo e que seja mais participativo, então pensamos na utilização de dinâmicas. As dinâmicas podem e são muito favoráveis para o auxílio do professor frente aos alunos, podemos considerá-la como uma forma de criar um enriquecimento na convivência ou seja na comunidade do diálogo. O ponto de partida já foi iniciado a de se utilizarmos de dinâmicas para introduzirmos a filosofia para crianças, mas a questão que vamos levar em consideração agora é que tipos de dinâmicas podem ser utilizados? Bom, aquela com a qual possa criar conceitos de inquietação, e que seja

---

\* Acadêmico do 8º semestre de filosofia da FAPAS, bolsista no programa institucional de bolsa de iniciação a docência (Pibid). E-mail: [diegomaciel3@hotmail.com](mailto:diegomaciel3@hotmail.com)

\*\* Acadêmico do 6º semestre de filosofia da FAPAS, bolsista no programa institucional de bolsa de iniciação a docência (Pibid). E-mail: [douglasgd@live.com](mailto:douglasgd@live.com)

acessível para a idade, tudo depende do ambiente e dos alunos, o cuidado com preparação e desenvolvimento dessas dinâmicas devem ser levado em consideração. Uma das dinâmicas com as quais foi pensada e posta em prática, foi justamente levada em consideração o despertar a curiosidade de forma a introduzirmos as formas de conhecer o mundo de fato como ele se apresenta ou se eles conhecem as sombras que são transmitidas, estamos nos referindo a dinâmica do Mito Da Caverna de Platão, é claro que tudo foi desenvolvido levando em consideração a idade e a sala com a qual foi aplicada. Na aplicação da dinâmica foi procurado incentivar os alunos a usarem a criatividade, usamos a sala de aula como a caverna aonde que as diversas imagens são posta no quadro e que ao saírem da sala de aula iriam entrar no mundo da vida o mundo real, a primeira parte foi demonstrada, e que ao saírem dela entrariam na segunda parte o contato com realidade prática, colocada como a forma de conhecimento que aos nossos olhos são compreendidos. A ligação entre o mundo conhecido através de imagens e o real é totalmente diferente, enquanto um é demonstrado o outro é vivido. A importância de haver um orientador se dá de forma fundamental para resolver a estas questões que aos olhos das crianças não são acessíveis, e que seu mundo pode ser apenas uma mera aparição de imagens projetadas no fundo de sua caverna. A preocupação e o objetivo proposto é justamente fazer com que seja introduzida a filosofia de maneira simples e compreensível, abordando linguagens que para as crianças sejam aceitas, é por este viés que temos o cuidado com a forma de direcionar a aplicação da dinâmica. O resultado através deste método nos levou a compreender que estamos percorrendo um caminho que ainda está apenas no começo, onde surgem possibilidades de inovação e que nós nos encaminhamos para um infindável problema de estarmos inovando o inovado. Ao depararmos com um resultado positivo percebemos que este método de utilizar dinâmicas como um auxílio de inserir a filosofia na escola para crianças sai do algo costumeiro de estarmos acorrentados na prisão da teoria e colocamos a prática como algo novo onde tudo o que se vive e se conhece liberta-nos da cegueira e da ignorância por não compreendermos as coisas. Uma nova forma de ver as coisas pode mudar o seu mundo e o mundo de todos, para que isso ocorra deve haver alguém que o incentivem a despertar o lado filosófico de cada criança, e a pessoa mais habilitada será o professor através de suas artimanhas de conquistar o aluno a explorar seus anseios de compreender as coisas.

**Palavras- chave:** Filosofia. Crianças. Educação. Desafios. Dinâmicas.

## Referências

CUNHA, José Auri (org). **Filosofia para crianças:** orientação pedagógica para educação infantil e ensino fundamental. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Atena Editora, 1956.